

PRODUÇÃO E MERCADO DE CEBOLA NO MERCOSUL, 1990-98¹

Waldemar Pires de Camargo Filho²
Antonio Roger Mazzei³

1 - INTRODUÇÃO ¹²³

A globalização da economia mundial e a formação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) interferiram significativamente no mercado de hortaliças no Brasil na década de 1990. As tendências das produções, na Argentina e no Brasil, evidenciam um mercado em concorrência, que se tornou vulnerável devido à abertura comercial, em que continuarão participando aqueles países que tiverem maiores vantagens comparativas e fizerem ajustamentos ou reestruturação nos setores produtivos.

O Brasil é o maior mercado e também o maior produtor, dentre os quatro países integrantes do MERCOSUL (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai). A Argentina, na segunda posição, porém melhor organizada em termos de política agrícola e de integração do governo com o setor produtivo, iniciou sua participação no mercado brasileiro como fornecedora de cebola.

2 - OBJETIVOS

O estudo tem como objetivos: avaliar a evolução da produção de cebola no Brasil e na Argentina, na década de 1990; estimar as quantidades consumidas nesses mercados, integrados no MERCOSUL; apresentar o perfil do mercado de cebola em São Paulo e Buenos Aires, através da análise de preços e quantidades nos dois mercados; calcular o padrão estacional anual e bianual de quantidades e preços; e mostrar o crono-

grama da quantidade ofertada para 1997/98. Serão propostas medidas para que representantes do setor produtivo brasileiro, através das Câmaras Setoriais, possam negociar nas reuniões ordinárias, visando o equilíbrio das quantidades produzidas e demandadas no MERCOSUL e criar ações nos estados brasileiros para consolidar a política de abastecimento do produto.

3 - MATERIAL E MÉTODO

Foram utilizados dados de preços e de produção de cebola no Brasil e na Argentina. As informações mensais de preços do mercado atacadista em São Paulo foram obtidas no BOLETIM MENSAL (1994-1997) e em INFORMAÇÕES ECONÔMICAS (1994-1997). Para o Mercado Central de Buenos Aires (MCBA), as informações são do ANUÁRIO ESTADÍSTICO DO COMÉRCIO (1996). As informações dos sistemas de produção e características do mercado foram publicadas em BOEING (1995), CAMARGO FILHO (1996), CAMARGO FILHO e MAZZEI (1996), X SEMINÁRIO (1998) e LEVANTAMENTO (1990-1998).

O método utilizado para a análise, visando o cálculo dos padrões estacionais e do índice de preços e quantidades comercializadas, foi o da Média Móvel Geométrica Centralizada (MMGC), descrito em HOFFMANN (1980).

Este método permite o tratamento estatístico da série de preços e quantidades em determinado período, criando índices mensais que possibilitam a comparação em cada mês e ano.

O padrão estacional é calculado através da média anual dos índices de cada mês, que, na análise do período de 12 meses, evidencia a época de maior e menor quantidades ofertadas e, conseqüentemente, a oscilação dos preços.

A análise dos índices estacionais permite avaliar a mudança que ocorre entre anos, em razão dos ajustes e relações do mercado.

Esse mesmo método, se aplicado so-

¹Os autores agradecem ao Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica, do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Humberto Sebastião Alves, o trabalho de elaboração das figuras e tabelas. O artigo foi apresentado no 38º Congresso Brasileiro de Olericultura, Petrolina (PE), em julho de 1998.

²Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Economista, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

ção dos produtores argentinos em abastecer o Brasil, posto que no período 1990-96 foi enviado ao mercado brasileiro 82% da quantidade total exportada pela Argentina, segundo a Secretaria de Agricultura, Ganaderia y Pesca de La Nacion Argentina (SAGyP).

TABELA 2 - Importações Brasileiras de Cebola, 1991-98

Ano	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)
1991	58.831	6.042,00
1992	96.060	5.318,00
1993	87.791	3.444,20
1994	137.576	28.353,90
1995	392.384	58.092,50
1996	239.697	41.733,30
1997	221.717	61.951,00
1998 ¹	254.587	94.571,00

¹Estimativa até junho de 1998.

Fonte: SECEX/DECEX, Banco do Brasil.

Esse perfil de produção alterou significativamente a participação argentina no abastecimento de cebola do Brasil. No período 1995-98, a Argentina conseguiu 25% do mercado nacional além de provocar excesso de produção causando prejuízos tanto a brasileiros quanto a argentinos, em anos alternados (Figura 1).

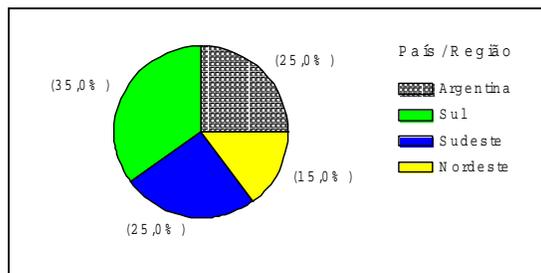


Figura 1 - Participação das Principais Regiões no Abastecimento de Cebola no Brasil, 1995-98.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, baseado nos dados do LEVANTAMENTO (1990-1998) e SAGyP.

Em 1998, a Argentina enviou ao Brasil 254.587 toneladas até junho. Com a produção brasileira em estoque, houve excesso de oferta no mercado, provocando queda nos preços no período março a julho, ficando abaixo do custo de produção.

A reversão desse quadro, contudo, vem contando apenas com ações de lideranças

regionais (representadas pelas associações de cebolicultores) que pleiteiam o estabelecimento de cotas, dado que não se verificam ainda medidas governamentais efetivas para a solução do problema.

4.2 - Mercado na Argentina

Os preços de cebola no Mercado Central de Buenos Aires (MCBA), principal mercado atacadista da Argentina, são maiores entre junho e outubro, como consequência dos baixos estoques existentes e da pequena produção de cebola precoce.

Embora o MCBA comercialize apenas cerca de 20% do total do país, é ele que fornece o indicativo de preços para a realização de negócios no interior da Argentina e Montevidéu.

As figuras 2 e 3 mostram alteração no padrão estacional de preços e quantidades de cebola comercializadas no MCBA. Observa-se que, no período 1993-96, a entressafra está melhor caracterizada entre junho e setembro, quando ocorrem preços maiores. A tabela 3 indica decréscimo da quantidade comercializada no MCBA de 1991 a 1994 e aumento em 1995 e 1996, como reflexo do aumento da produção voltada para o MERCOSUL. A tabela 4 mostra a queda de preços em 1996 (US\$144,17/t) como resultado desse excesso de produção. Nota-se alteração no padrão estacional de preços e quantidades de cebola comercializada no MCBA em anos alternados, evidenciando que os cebolicultores respondem aos estímulos de preços, causando círculo vicioso (Figura 4).

4.3 - Produção no Brasil

CAMARGO FILHO et al. (1993) analisaram a expansão da produção de cebola no Brasil e mediram a contribuição da área cultivada e da produtividade para o aumento da quantidade produzida, nas décadas de 1970 e 1980 nas regiões brasileiras. Concluíram que o acréscimo foi predominantemente em razão do aumento da área cultivada. Estudaram, também, o comportamento dos preços no mercado atacadista e verificaram que houve alteração no padrão estacional devido ao aumento da produção no Nordeste e, em seguida, no Sul brasileiro. Nos dois decênios

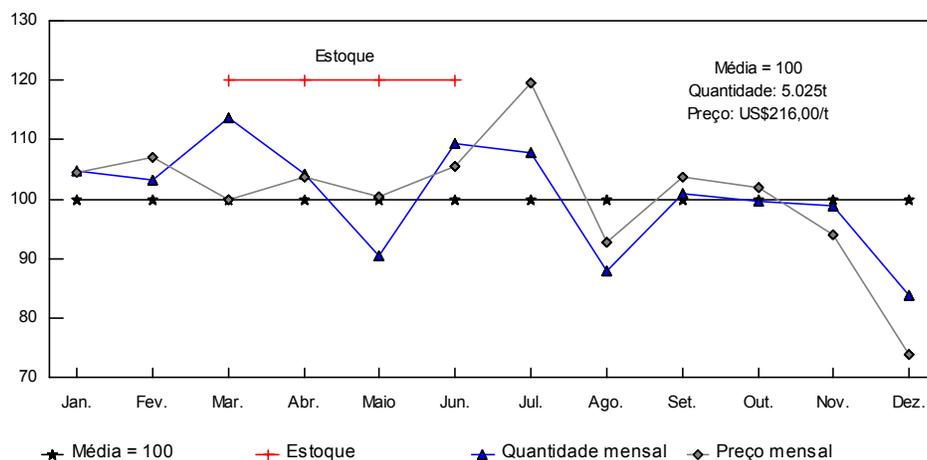


Figura 2 - Variação Estacional Anual da Quantidade e Preço de Cebola no Mercado Central de Buenos Aires, 1990-93.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, com dados da Secretaria de Agricultura, Ganaderia y Pesca de La Nacion Argentina (SAGyP).

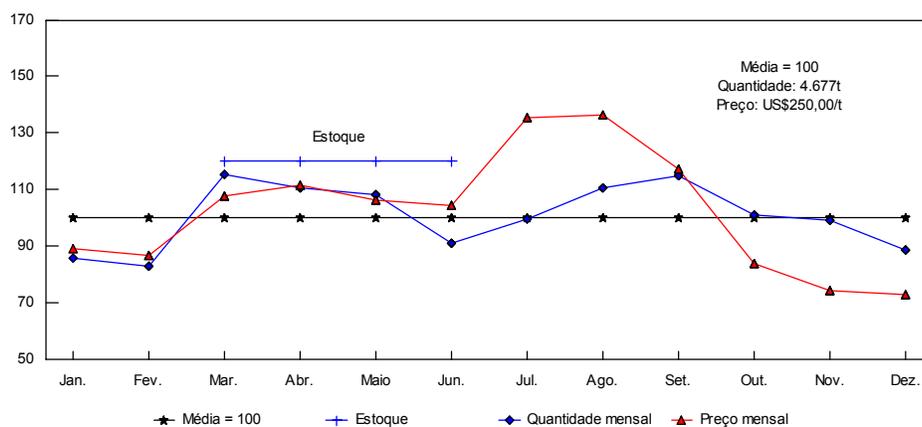


Figura 3 - Variação Estacional Anual da Quantidade e Preço de Cebola no Mercado Central de Buenos Aires, 1993-96.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, com dados da Secretaria de Agricultura, Ganaderia y Pesca de La Nacion Argentina (SAGyP).

TABELA 3 - Quantidade de Cebola Comercializada no Mercado Central de Buenos Aires, 1991-96 (em t)

Mês	1991	1992	1993	1994	1995	1996	Média
Janeiro	7.409,0	4.143,3	4.355,2	4.101,3	4.159,0	3.537,0	4.617,5
Fevereiro	6.682,9	4.780,8	4.058,5	3.792,1	3.943,0	3.656,0	4.485,6
Março	5.742,9	6.553,0	4.674,2	5.391,7	5.193,4	5.209,0	5.460,7
Abril	5.528,2	5.639,7	4.341,6	5.391,7	4.456,0	5.386,0	5.123,9
Maio	4.557,6	4.475,0	4.354,0	5.059,0	4.935,0	4.932,0	4.718,8
Junho	5.683,5	5.623,2	4.958,4	3.609,6	4.411,0	4.652,0	4.823,0
Julho	6.436,4	5.220,4	5.221,1	3.426,2	5.203,0	6.393,0	5.316,7
Agosto	4.076,8	5.113,5	4.924,4	4.906,0	5.201,0	4.220,0	4.740,3
Setembro	5.337,3	5.065,4	5.323,5	4.750,3	5.556,0	4.496,0	5.088,1
Outubro	4.617,4	5.233,6	4.455,0	4.445,9	4.920,0	5.721,0	4.898,8
Novembro	5.050,0	4.963,7	5.074,0	4.680,4	3.890,0	6.048,0	4.951,0
Dezembro	4.179,4	4.135,6	4.490,1	3.910,6	3.791,0	4.916,0	4.237,1
Total	65.301,4	60.947,2	56.230,0	53.464,8	55.658,4	59.166,0	58.461,3

Fonte: Secretaria de Agricultura, Ganaderia y Pesca de La Nacion Argentina (SAGyP).

TABELA 4 - Preço de Cebola Comercializada no Mercado Central de Buenos Aires, 1991-96 (US\$/t)

Mês	1991	1992	1993	1994	1995	1996	Média mensal
Janeiro	240,00	160,00	322,00	140,00	330,00	150,00	223,67
Fevereiro	220,00	190,00	312,00	130,00	300,00	150,00	217,00
Março	220,00	180,00	261,00	160,00	340,00	190,00	225,17
Abril	270,00	130,00	312,00	160,00	400,00	170,00	240,33
Mai	220,00	130,00	330,00	130,00	450,00	160,00	236,67
Junho	190,00	161,00	350,00	100,00	700,00	130,00	271,83
Julho	170,00	141,00	340,00	120,00	860,00	120,00	291,83
Agosto	110,00	151,00	340,00	150,00	660,00	100,00	251,83
Setembro	120,00	231,00	230,00	160,00	560,00	100,00	233,50
Outubro	130,00	231,00	150,00	210,00	230,00	100,00	175,17
Novembro	190,00	231,00	140,00	240,00	140,00	180,00	186,83
Dezembro	120,00	261,00	110,00	290,00	130,00	180,00	181,83
Média anual	183,33	183,08	266,42	165,83	425,00	144,17	227,97

Fonte: Secretaria de Agricultura, Ganaderia y Pesca de La Nacion Argentina (SAGyP).

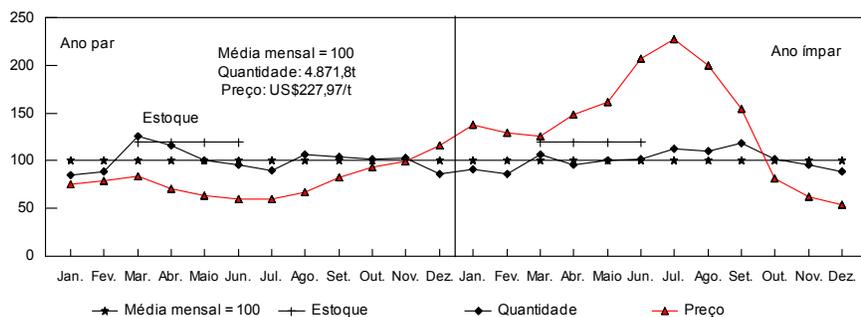


Figura 4 - Variação Estacional Bianual da Quantidade e Preço de Cebola no Mercado Central de Buenos Aires, 1991-96.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, com dados da SAGyP.

analisados, os preços de entressafra nos anos com final par foram maiores que aqueles do ano subsequente. Constataram que isso é o reflexo da teoria da "teia de aranha", que ocorre devido à resposta do setor produtivo ao estímulo de preços e à conseqüente expansão da semeadura, criando um círculo vicioso.

A área média cultivada com cebola no Brasil no período 1990-97 foi de 74.401 hectares, e a produção de 907.055t/ano. A produção anual média no período 1990-93 foi de 864.906 toneladas e, em 1994-97, foi de 949.205 toneladas, 9,7% superior. Este aumento foi principalmente em decorrência da produtividade que teve crescimento de 11,9%, entre o início e o final do período analisado. A previsão da produção brasileira para 1998, segundo o IBGE, é de cerca de 882.551 toneladas, cultivadas em 68.509 hec-

tares (Tabela 5).

TABELA 5 - Área, Produtividade e Produção de Cebola, Brasil, 1990-98

Ano	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)
1990	74.407	11.653	867.062
1991	75.655	11.618	878.938
1992	75.199	11.784	886.128
1993	71.689	11.543	827.496
1994	81.478	12.504	1.018.841
1995	74.403	12.509	930.673
1996	74.577	12.918	963.378
1997	67.801	13.037	883.928
1998 ¹	68.509	12.882	882.551

¹ Estimativa de junho de 1998.

Fonte: LEVANTAMENTO (1990-1998).

Os principais Estados produtores situam-se na Região Sul (Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, que respondem por mais de 50% da produção nacional - Tabela 6), participando do abastecimento brasileiro com a cebola baia periforme, de novembro a janeiro, e com a tardia, de fevereiro a maio, esta última concorrendo com a cebola argentina. Na Região Sudeste, os Estados de São Paulo e Minas Gerais (responsáveis por cerca de 30% da produção nacional - Tabela 6) são os principais produtores, ofertando cebolas claras precoces de julho a outubro e a baia periforme, de novembro a janeiro. São Paulo produz ainda a cebola de bulbinho, que entra no mercado no trimestre maio-julho. A Região Nordeste responde predominantemente pelas cebolas claras precoces (semente importada) e planta também a IPA-6 (nacional, do grupo baia), que ocupa cerca de 30% da área com cebola no Vale do São Francisco (Figura 5).

4.4 - Mercado no Brasil

Segundo CAMARGO FILHO (1983), em 1980, os 33 entrepostos atacadistas então existentes no Brasil comercializaram 230.390 toneladas de cebola. O mercado atacadista tradicional de São Paulo (situado na Praça São Vito, no Bairro do Brás) negociou 100.000 toneladas, enquanto o Entreposto Terminal de São Paulo (ETSP), da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), que para a comercialização de cebola funciona à tarde, negociou cerca de 50.000 toneladas.

O Brasil possui atualmente cerca de 40 entrepostos atacadistas (ceasas)⁴, situados nas principais cidades e capitais do País. Desse total, 13 estão no interior do Estado de São Paulo. Por sua importância, o mercado tradicional de São Paulo é o principal parâmetro de preços dos negócios atacadistas de alho, batata, cebola e feijão. Esse mercado funciona a céu aberto, com os caminhões de mercadorias expostos aos corretores e atacadistas.

⁴Quando foram criados os entrepostos atacadistas de hortigranjeiros no Brasil, na década de 1960, a sigla CEASA, queria dizer "Central Estadual de Abastecimento Sociedade Anônima". Atualmente tais entrepostos não são S/A, podendo ser administrados com participação do município, do estado, da Federação e até mesmo da iniciativa privada. No entanto, o termo ceasa é um neologismo, sinônimo de entreposto atacadista de hortigranjeiros.

Com a expansão dos locais de comercialização no Brasil, devido à criação das ceasas em todas as capitais na década de 1980, houve, na maioria das grandes cidades, uma distribuição de cebola das regiões produtoras para os entrepostos, resultando em aumento de comercialização nesses mercados. Em São Paulo ficou realçada a importância do ETSP-CEAGESP, enquanto o mercado tradicional perdeu espaço.

4.4.1 - Mercado atacadista em São Paulo

O intercâmbio entre a região produtora e os principais centros consumidores é realizado por atacadistas que se deslocam pelas regiões produtoras para comprar, beneficiar, embalar e transportar os bulbos até os entrepostos. De lá, fornecem para outros atacadistas distribuidores, que podem ser fornecedores de supermercados, restaurantes privados e institucionais, feirantes, etc.

No primeiro quinquênio dos anos noventa, o ETSP-CEAGESP comercializou 50 mil toneladas de bulbos por ano, enquanto o mercado tradicional do Brás negociou apenas cerca de 21 mil toneladas. Apesar de a capital paulista receber atualmente cerca de 71 mil t/ano de cebola nos mercados oficiais, ainda continua servindo como parâmetro de preços para a negociação de um milhão de toneladas de cebola no MERCOSUL.

No triênio 1994-96, 64% da cebola no mercado atacadista paulistano era procedente do Sudeste, 10% do Nordeste, 10% do Sul e 16% de importação, principalmente da Argentina, seguida do Chile e da Espanha.

4.4.2 - Variação estacional dos preços em São Paulo

No período 1978-85 vigorou no Brasil o Programa de Produção e Comercialização de Produtos Hortigranjeiros (PROHORT). Especificamente para a cebola, foi criado o Plano Nacional de Produção e Abastecimento de Cebola (PLANACE), composto de vários programas que tinham por objetivos realizar o desenvolvimento da cadeia produtiva de cebola no Brasil, melhorar a estabilidade da produção e dos preços, testan-

TABELA 6 - Área, Produtividade e Produção de Cebola, Principais Estados do Brasil, Safras 1995-98

Estado	1995				1996			
	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t) (%)		Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t) (%)	
São Paulo	22.243	14.390	320.080	34,39	12.505	22.520	281.610	29,23
Santa Catarina	10.465	24.676	258.238	27,75	26.347	9.506	250.457	26,00
Rio Grande do Sul	8.042	17.197	138.300	14,86	17.997	10.704	192.633	20,00
Pernambuco	13.988	5.725	80.080	8,60	5.292	16.081	85.099	8,83
Bahia	13.599	5.486	74.605	8,02	5.492	13.713	75.314	7,82
Paraná	7.826	5.861	45.869	4,93	5.630	10.657	60.000	6,23
Minas Gerais	12.724	1.058	13.462	1,45	1.151	15.831	18.222	1,89
Outros Estados	4.333	9	39	0,00	9	4.778	43	0,01
Brasil	74.403	12.509	930.673	100,00	74.423	12.945	963.378	100,00

Estado	1997				1998			
	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t) (%)		Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t) (%)	
São Paulo	10.355	23.688	245.290	27,88	10.355	23.688	245.290	27,55
Santa Catarina	23.564	10.412	245.337	27,88	24.826	10.795	268.000	30,10
Rio Grande do Sul	17.901	10.313	184.611	20,98	16.365	9.838	160.999	18,08
Pernambuco	5.168	15.502	80.114	9,10	5.000	16.000	80.000	8,98
Bahia	4.089	13.183	53.907	6,13	4.808	13.807	66.386	7,45
Paraná	5.400	9.454	51.050	5,80	6.445	8.301	53.500	6,01
Minas Gerais	1.201	16.253	19.520	2,22	930	16.485	15.331	1,72
Outros Estados	12	5.250	63	0,01	80	12.500	1.000	0,11
Brasil	67.690	12.999	879.892	100,00	68.809	12.942	890.506	100,00

Fonte: LEVANTAMENTO (1990-1998).

Região/Estado	Variedade	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.
Sul													
Rio G. do Sul	Baia periforme		250.000t										
Santa Catarina													
Paraná	Tardia (estoque)					155.250t							
Sudeste													
São Paulo	Baia periforme		93.000t										
Minas Gerais	Bulbinho								30.000t	20.000t			
	Claras precoces											200.000t	
Nordeste													
Pernambuco	IPA-6								35.000t	35.000t			
Bahia	Claras precoces											170.000t	
Brasil	(Oferta líquida)		343.000t						220.250t			425.000t	
	Demanda		348.000t						348.000t			348.000t	
Argentina	(Oferta líquida)					43.000t	57.500t	72.000t	43.000t	34.500t			
Excesso									87.750t			111.500t	

Figura 5 - Quantidade Ofertada de Cebola¹, por Região e Época de Abastecimento no Brasil², 1997/98.

¹Para a Região Sul, consideraram-se os dados apresentados no X SEMINÁRIO (1998). Para outras variedades e demais regiões e estados, consideraram-se perdas de 10% para o beneficiamento, resultando num total líquido para comercialização.

²O consumo médio brasileiro é estimado em 87.000t/mês em nível de mercado atacadista. A estimativa considerada para o cálculo é de 6,5kg de cebola *per capita*/ano (Estudo Nacional de Defesa Familiar - ENDEF/IBGE). O consumo de cebola para indústria de tempero gira em torno de 100.000t/ano, devendo aumentar gradualmente.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria do Comércio Exterior, SAGyP e Instituto de Economia Agrícola.

do a auto-suficiência no abastecimento.

Nesse período, a produção brasileira de cebolas tardias concentrava-se no Rio Grande do Sul e a de baías periformes, nas Regiões Sudeste e Sul. Verificou-se o crescimento da produção, principalmente em consequência da expansão da área cultivada em todas as regiões. O Nordeste especializou-se na produção das variedades claras precoces, cuja colheita ocorre juntamente com a do Estado de São Paulo, no período junho-outubro, enquanto as baías periformes e tardias são colhidas em novembro-dezembro e ofertadas até maio. No Sul do País, expandiu-se o cultivo das variedades baías, em detrimento das tardias, que, apesar da boa qualidade, tinham custo mais alto. Dessa maneira, o País era abastecido de janeiro a maio com estoques cada vez maiores de baías periformes e menor quantidade das tardias. Em maio e junho, havia a cebola de bulbinho de Piedade e, no segundo semestre, as claras precoces.

Nesse contexto, no período 1981-86, a média anual de preços foi de US\$342,85 a tonelada, com variação de 67%. No ano, o índice 100 representa a média dos preços no período. Como parâmetro de mercado é necessário comparar a variação estacional anual de preços nos períodos de 1981-86 e 1991-96. As médias de preços de US\$342,85/t e US\$358,64/t apresentam diferença de apenas 4,6% e mostram que o intervalo de março a julho caracteriza-se como a entressafra (Figura 6).

O período 1991-96 foi *sui generis*, na medida em que o Plano Cruzado (1986) estimulou os preços e houve a expansão da produção no Brasil, com excedentes em 1987 e 1989. Em 1990, com o Plano Collor, houve novamente expansão da produção, já em excesso. Simultaneamente à concretização do MERCOSUL, o mercado de cebola seria agravado com a crise de preços no setor produtivo do Brasil. Na década de 1990, o País continuou com produção suficiente para o seu consumo e formação de estoques. A crescente concorrência com o bulbo argentino de melhor qualidade provocou a pior crise de preços devido ao excesso de oferta.

Para o período 1981-86, enquanto a variação estacional bianual dos preços evidenciou a mudança do mês de pico, de maio para julho (Figura 7), para o período 1991-96, os picos de preços observados foram em maio, novembro e junho, evidenciando maior desequilíbrio (Figura

8).

Para o melhor entendimento do comportamento dos preços no mercado de cebola, é necessário salientar que a época em que o País é abastecido com estoques é também a mesma em que os produtores decidem o quanto deverão semear, ou seja, é o período em que se inicia o ano agrícola da cebola. A decisão é baseada no saldo do ano anterior e no preço do momento. Portanto, se o estoque em determinado ano é baixo, os preços da entressafra serão altos e induzirão os cebolicultores a expandir o plantio: maior colheita e maior estoque no ano seguinte manterão os preços mais estáveis e menores, forçando a redução do plantio para o ano subsequente, fechando-se um ciclo.

A Figura 9, composta pelos índices da média móvel geométrica anual dos preços de cebola em dólar, mostra o comportamento do mercado no período 1991-97. O índice 100 representa a média do preço no ano.

Os anos de 1991 e 1996 apresentam baixos preços e ampla produção. O pico de preço em 1991 foi em abril, estimulando a semeadura e resultando em maior produção no segundo semestre. Com isso, em 1992, o preço médio foi maior, porém estável, com o pico de preços deslocando-se para o mês de outubro, evidenciando menor oferta de claras precoces e de baías periformes. Em 1993, a média subiu para US\$351,25/t e o pico voltou a ser em abril, mostrando menor estoque.

O ano de 1994 foi atípico com alta média de preços (US\$407,92/t) e dois picos: março e novembro. O segundo maior preço ocorreu em novembro, como consequência da seca que assolou o Brasil no período agosto-outubro, forçando a redução da irrigação e apressando a colheita. Conseqüentemente houve queda na produção, embora a área cultivada tivesse se expandido. Isso também proporcionou menor estoque para 1995, com saldo positivo aos cebolicultores de todo o País e da Argentina, esta última com supersafra naquele ano. Com a vigência do Plano Real, o pico de preços deslocou-se para julho, porque os estoques e a quantidade ofertada pela Argentina se encontravam muito elevados. Com a superprodução na Argentina e no Brasil, em 1996, os preços da cebola atingiram patamares mínimos em São Paulo e em Buenos Aires (Tabelas 4 e 7).

Com base no que foi descrito e, consi-

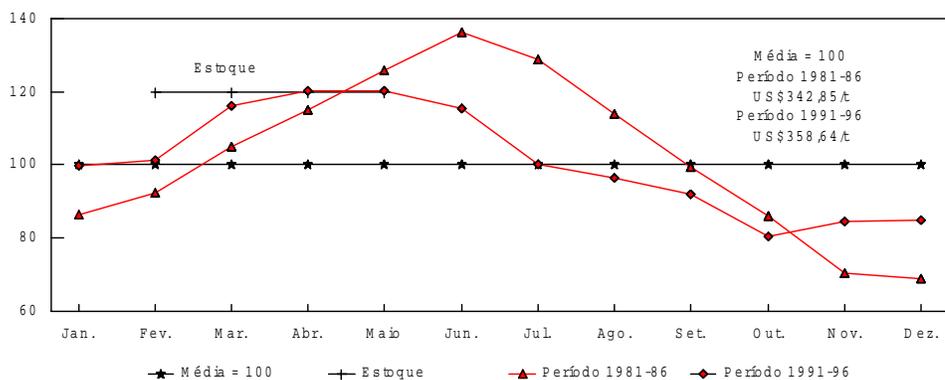


Figura 6 - Variação Estacional Anual dos Preços de Cebola no Mercado Atacadista de São Paulo, 1981-86 e 1991-96.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

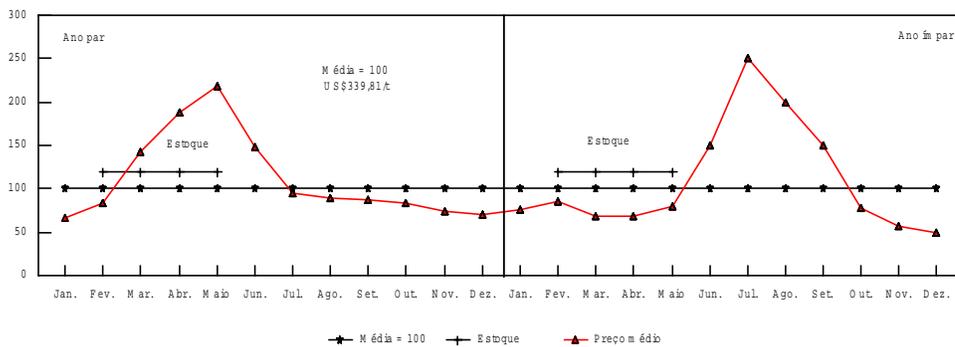


Figura 7 - Variação Estacional Bianual dos Preços de Cebola no Mercado Atacadista de São Paulo, 1981-86.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

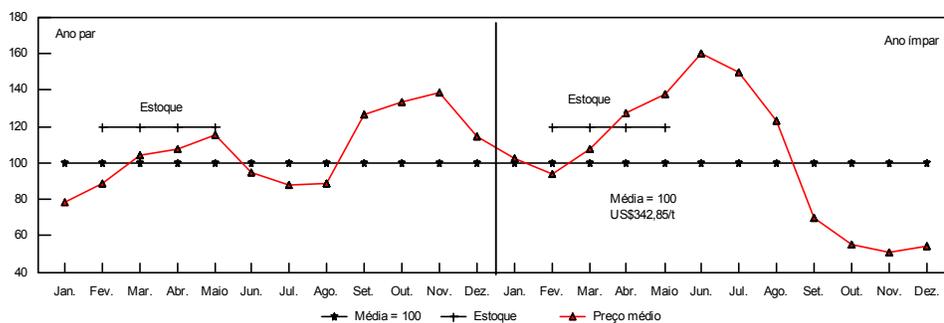


Figura 8 - Variação Estacional Bianual dos Preços de Cebola no Mercado Atacadista de São Paulo, 1991-96.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

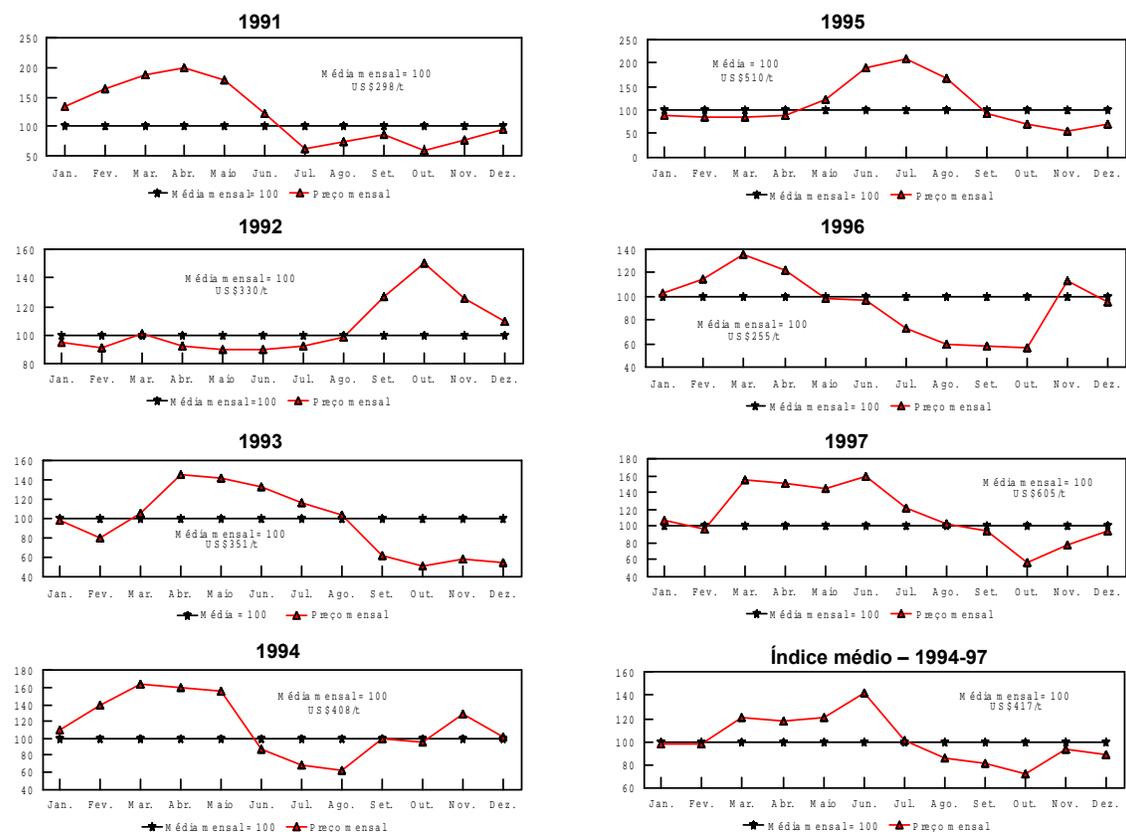


Figura 9 - Média Móvel Geométrica Anual (MMGC) do Preço de Cebola no Mercado Atacadista de São Paulo, 1991-97.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, com dados do Boletim Mensal da GEAGESP.

TABELA 7 - Preço de Cebola Comercializada no Mercado Atacadista de São Paulo, 1991-97 (US\$/t)

Mês	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	Média mensal
Janeiro	353,00	183,00	437,00	340,00	400,00	330,00	350,43	341,92
Fevereiro	432,00	185,00	359,00	420,00	430,00	320,00	366,57	358,94
Março	495,00	216,00	464,00	500,00	440,00	340,00	457,86	416,12
Abril	520,00	220,00	584,00	520,00	470,00	285,00	485,57	440,65
Maio	465,00	240,00	513,00	550,00	600,00	230,00	800,00	485,43
Junho	322,00	264,00	443,00	335,00	900,00	230,00	900,00	484,86
Julho	159,00	291,00	371,00	270,00	950,00	180,00	700,00	417,28
Agosto	177,00	333,00	324,00	250,00	750,00	150,00	600,00	369,14
Setembro	192,00	453,00	200,00	400,00	400,00	150,00	550,00	335,00
Outubro	126,00	580,00	162,00	380,00	300,00	160,00	331,00	291,28
Novembro	151,00	520,00	188,00	510,00	220,00	350,00	453,00	341,71
Dezembro	180,00	480,00	170,00	420,00	260,00	330,00	542,00	340,28
Média anual	297,67	330,42	351,25	407,92	510,00	254,58	544,70	385,22

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

derando-se que os preços no mercado atacadista de cebola em 1997 foram relativamente altos, os produtores da Região Sul foram forçados a antecipar a “desova” de seus estoques. Conseqüentemente, os preços do mercado foram determinados pela cebola argentina, ficando acima de US\$400/t. No entanto, devido ao excesso de oferta da Argentina, a produção nacional sofreu nova crise de preços em 1998, tendo sido preterida e rolada, provocando novo excesso de oferta em relação à quantidade demandada (Figura 5).

O mercado restabeleceu-se em agosto de 1998, devendo manter preços compatíveis até maio, quando se iniciam a colheita e a comercialização da safra de 1999.

5 - CONCLUSÃO

Os produtores argentinos expandiram demasiadamente o cultivo da cebola, e mesmo a diminuição da produção brasileira não foi suficiente para equilibrar o mercado e os preços. O crescimento do consumo de cebola deverá ocorrer sob a forma industrial (temperos, molhos, etc.), de maneira gradual, dependente do aumento da renda dos consumidores e da propaganda dos produtos ofertados no mercado interno do MERCOSUL. A capacidade de penetração no Hemisfério Norte da cebola oriunda do MERCOSUL é pequena. Em razão do contexto acima descrito, deve-se considerar o calendário agrícola de cebola para o cálculo da quantidade a ser produzida, pois no período de novembro de determinado ano a outubro do ano seguinte, após o término da

colheita das claras precoces, estas não devem ser armazenadas.

O excesso de produção, frente à quantidade demandada, leva à necessidade de redução da área plantada, tanto no Brasil quanto na Argentina. Os produtores da Região Sul do Brasil devem cultivar as baias periformes e as tardias, com o objetivo de incrementar a oferta de novembro a maio. Na Região Sudeste, os produtores das claras precoces devem antecipar a semeadura, visto que o mercado apresenta preços acima da média nos meses de junho e julho. As regiões produtoras das baias periformes, com plantio de mudas, devem cultivar também as claras precoces sempre que, no ano anterior, os preços tiverem sido baixos.

Além disso, é necessário investir no plantio direto, que apresenta custo de produção mais baixo, e no cultivo de verão, cuja produção de mudas pode ser feita sob plasticultura em janeiro e a colheita em junho, na Região Sudeste.

Os cebolicultores, especialmente do Sul, devem melhorar a produtividade e a qualidade do bulbo, principalmente das cebolas tardias, pois estas têm o preço equiparado ao da cebola argentina, devendo permanecer no mercado os produtores mais eficientes.

Nesse contexto, é necessário que a Argentina envie ao Brasil quantidade nunca superior a 250 mil toneladas de bulbos por ano. Esta proposta deve ser discutida junto às Câmaras Setoriais, para que as lideranças possam assegurá-la juntamente com os argentinos.

LITERATURA CITADA

ANUÁRIO ESTADÍSTICO DO COMÉRCIO: productos no tradicionales. Buenos Aires: Secretaria de Agricultura, Ganaderia y Pesca de La Nacion Argentina, 1996.

BOEING, Guido. **Cebola**. Florianópolis: Instituto CEPA, 1995.

BOLETIM MENSAL DA CEAGESP. São Paulo, 1994-1997.

CAMARGO FILHO, Waldemar P. de (Coord.) **Cenário da cadeia produtiva de alho, cebola e condimentos no estado de São Paulo**. São Paulo: SAA, 1996. 86p.

_____. **Produção e comercialização de cebola (Allium CEPA, L) no Brasil**. Piracicaba: USP/ESALQ, 1983. 84p. Dissertação de Mestrado.

CAMARGO FILHO, Waldemar P. de; MAZZEI, Antonio R. A produção e os preços de hortaliças no MERCOSUL. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.26, n.12, p.43-55, dez. 1996.

_____ et al. Evolução da produção e comportamento do mercado de cebola no Brasil, 1971-90. **Agricultura em São Paulo**, v.40, t.2, p.27-50, 1993.

HOFFMANN, Rodolfo. Estatísticas para economistas. São Paulo: Pioneira, 1980. 379p.

INFORMAÇÕES ECONÔMICAS. São Paulo: IEA, 1994-1997.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: FIBGE, 1990-1998.

X SEMINÁRIO NACIONAL DE CEBOLA E I SEMINÁRIO DE CEBOLA DO MERCOSUL, São José do Rio Pardo, São Paulo, 11-12 fev. 1998.

PRODUÇÃO E MERCADO DE CEBOLA NO MERCOSUL, 1990-98

SINOPSE : O estudo quantifica e analisa o crescimento da produção de cebola na Argentina e no Brasil, no período 1990-98. Mostra que a produção brasileira teve crescimento de 9% no período, enquanto na Argentina a expansão foi de 40%. Através da variação estacional e de seus índices, são analisados os ciclos de preços, mostrando que é possível planejar o cultivo e prever a época de preços baixos. Propõe a expansão do período de colheita, com o cultivo simultâneo de duas variedades em cada região brasileira, e sugere a diminuição da área cultivada no Brasil e na Argentina, evitando-se o excesso de produção no MERCOSUL.

Palavras-chave: cebola, produção, preços, MERCOSUL, comercialização.

ONION PRODUCTION AND MARKETING IN THE MERCOSUL, 1990-98 MARKET PROGNOSIS AND PLANNING

ABSTRACT: This paper calculates and analyses the production growth of onion in Argentine and Brazil in the 1990-98 period. In this period, the Brazilian production increased by 9%; and the Argentinian expanded by 40%. The stational variation analysis, through the prices cycle, shows that is possible to plan the cultivation and to forecast the low prices period. Two proposals are presented to avoid the surplus production in MERCOSUL: a) the increase of the harvest period by concurrently using two varieties in each Brazilian region and b) the reduction of the cultivated area in Brazil and Argentine.

Key-words: onion, production, prices, MERCOSUL, commercialization.

Recebido em 09/06/98. Liberado para publicação em 17/03/99.